

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



*Do Tempo e da História*, Lisboa, 1965-1972

A revista *Do Tempo e da História* foi criada no âmbito do Centro de Estudos Históricos do Instituto de Alta Cultura, anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O Centro de Estudos Históricos teve origem no Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos. Esta última instituição, fundada em 1942, depois da criação do Centro de Estudos Filológicos, em 1932, é o mais antigo centro de investigação do Instituto de Alta Cultura ligado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1952 é dividido em duas secções: uma de história, anexa à mesma faculdade, e outra de arqueologia, anexa ao Museu Etnológico «Dr. Leite Vasconcelos».

A secção de arqueologia estava a cargo de Manuel Heleno, sendo designada Virgínia Rau para dirigir e orientar a secção de história. Em 26 de Fevereiro de 1958 era extinto o Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos criando-se no seu lugar dois novos centros: o Centro de Estudos Arqueológicos, anexo ao Museu Etnológico «Dr. Leite Vasconcelos», e o Centro de Estudos Históricos, anexo à Faculdade de Letras de Lisboa, dirigido por Virgínia Rau.

O Centro de Estudos Históricos tinha como fim principal a promoção e o desenvolvimento da pesquisa científica no campo da história. Desde a fundação do centro, a sua directora procurou sempre fazer-se acompanhar de colaboradores, entre professores, alunos e investigadores de qualidade. Destes colaboradores citem-se os mais eminentes como sejam os casos de Jorge Borges de Macedo (secretário do centro), A. H. de Oliveira Marques, José Mattoso, Eduardo Borges Nunes, Maria José Ferro Tavares, Maria José Lagos Trindade, Iria Gonçalves e Maria do Rosário Themudo Barata.

Em 1965, é criada a revista *Do Tempo e da História*, dirigida por Virgínia Rau, que tinha como objectivo reunir os resultados dos trabalhos feitos no âmbito do Centro de Estudos Históricos e apresentá-los ao público. Esta premissa vem claramente descrita no texto de apresentação, publicado no primeiro número, no ano de 1965: «não carece ser demonstrada a necessidade de um Centro de Estudos dispor de um órgão próprio onde possa apresentar as conclusões que for tirando relativamente aos seus trabalhos em curso ou onde possa abordar temas e fixar pesquisas [...] Além disso, é desnecessário salientar a vantagem que há em dispor de uma publicação onde sejam acolhidos trabalhos de historiadores nacionais e estrangeiros cujos métodos, problemática e conclusões revistam interesse para a cultura histórica portuguesa» ("Apresentação", *Do Tempo e da História*, vol. I, p. 3).



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Numa primeira análise, este periódico foi composto por cinco números editados durante sete anos. Contudo, refira-se que o primeiro volume é publicado em 1965 e o segundo apenas em 1968, o terceiro em 1970, o quarto em 1971 e o quinto em 1972. Publicada em Lisboa, esta revista, dirigida a um público especializado e universitário, não era dividida formalmente por secções temáticas. Habitualmente compunha-se por uma nota prévia da directora, o elenco dos artigos e notas bibliográficas. São desconhecidas outras características, como a sua tiragem e o preço de capa.

A ligação entre a revista e os projectos de investigação desenvolvidos no centro é bastante evidente, como se pode observar nos volumes IV e V onde vem expressamente referido o seguinte "Alguns estudos insertos neste volume integram-se no projecto de investigação LL-4 do Instituto de Alta Cultura, em execução por este Centro de Estudos Históricos" [Ibid.]. O projecto LL-4 durou três anos (1971-1973), sendo constituído por três grupos principais. O primeiro debruçou-se sobre as estruturas sociais e económicas dos meios rurais portugueses durante a Idade Média e era composto pelos seguintes investigadores: José Mattoso, Maria José Lagos Trindade, Iria Gonçalves e Maria José Pimenta Ferro. O trabalho do segundo grupo incidiu sobre os italianos e a dinâmica político-financeira da expansão portuguesa (séculos XV e XVI) e era constituído por Virgínia Rau, Eduardo Borges Nunes e Ana Maria Pereira Ferreira. O terceiro e último grupo trabalhou a diplomacia e epistolografia do século XVII (1640-1703) e era composto por Virgínia Rau, Maria Adelaide Salvador Marques, Pedro Canavarró e Maria Teresa Trigo Neto e Cova.

É de realçar a estreita ligação entre o Centro de Estudos Históricos e a secção de história da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, especialmente relevante pois materializava a desejável articulação entre o ensino da história e a investigação. Os principais investigadores do centro exerciam igualmente funções docentes. As teses de licenciatura e doutoramento estavam integradas nos planos de investigação desenvolvidos pelo Centro de Estudos Históricos.

Como foi dito, o principal objectivo da revista era apresentar os resultados da investigação feita no centro. Outro dos seus objectivos era estimular uma discussão científica inovadora e actualizada em que a história de Portugal recolhesse os contributos mais recentes da historiografia internacional. Refira-se que, nos anos sessenta, o Centro de Estudos Históricos teve um papel preponderante na renovação da historiografia portuguesa, sobretudo ao nível da história económica e social, em que se destaca o contributo decisivo de Virgínia Rau e Jorge Borges de Macedo. O plano elaborado pelo centro, no que à pesquisa científica dizia respeito, revela essa «nova» concepção de história, e que se encontra sintetizado no texto de «Apresentação» do primeiro volume: "em três pontos fundamentais se tem articulado o plano de investigação deste Centro: a história das estruturas da sociedade portuguesa (desde as culturais às administrativas, oficiais ou particulares), a demografia histórica e a história das relações internacionais de Portugal. Os dois primeiros visam a articulação em termos realmente concretos (e não doutrinário-concretos, como é frequente fazer-se) de uma história da sociedade portuguesa, assentando sobre o prévio estudo das reais condições da sua evolução. O terceiro ponto procura dar às relações internacionais o papel que tiveram na história nacional, quebrando assim o isolamento em que tão frequentemente se realiza



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

a investigação histórica portuguesa e que tantos reparos suscita pela insuficiência de perspectiva que, deste modo, não pode deixar de patentear" ("Apresentação", *Do Tempo e da História*, vol. I, pp. 3-4).

A revista *Do Tempo e da História* reunia autores de dois tipos: investigadores nacionais e internacionais já creditados e jovens licenciados acabados de sair da faculdade. É de destacar a colaboração regular de Virgínia Rau. Todavia, outros investigadores assinaram artigos assinaláveis, como seria o caso de Avelino Teixeira da Mota, Eduardo Borges Nunes, Iria Gonçalves, Isaías da Rosa Pereira, Jorge Borges de Macedo, José Mattoso, Manuel Henrique Côrte-Real, Maria Adelaide Salvador Marques, Maria José Lagos Trindade, Maria José Pimenta Ferro, Maria Olímpia da Rocha Gil, Maria Teresa Trigo Neto e Cova e Martim de Albuquerque. No que diz respeito às contribuições internacionais destacam-se os trabalhos de Carmelo Trasselli, Frédéric Mauro, Henri Lapeyre, Hermann Kellenbenz e Peter E. Russell.

O exame dos artigos revela dois períodos históricos dominantes: as épocas medieval e moderna. A presença da história contemporânea é bastante escassa. O mesmo se passa com a mais importante revista universitária de história da época, a *Revista Portuguesa de História* (criada em 1941). Talvez, a quase ausência de artigos referentes à época contemporânea possa ser explicada pelo «medo científico» da história dos tempos mais próximos, ou seja, a ideia de que a história para o ser pressupunha algum distanciamento cronológico, e um sentimento de «perigo político que essas matérias supunham» (Luís Reis Torgal, *História e ideologia*, p. 161).

As principais áreas da historiografia/especialidades em que se inserem os artigos são a história económica e social (séculos IX-XVII) onde se destacam as temáticas ligadas às questões metodológicas, nobreza (IX-XI), numária (séculos XIII e XIV), propriedades das ordens militares (séculos XIII-XVI), finanças públicas (século XIV), mercadores estrangeiros, comércio (século XV), pastoreio (séculos XV e XVI), movimento do porto de Ponta Delgada (século XVII), política económica (século XVII), minorias (judeus), assistência (hospitais), açúcar (Sicília). Outra área da historiografia presente na revista é a história cultural e aqui são de referir os assuntos relacionados com a antropónimoia (séculos XIV-XV), universidade, estudantes (século XV), bibliotecas monásticas, livrarias particulares (séculos XV e XVIII) e cultura política (século XVII). A história religiosa está, também, presente na revista nomeadamente através de estudos referentes ao monaquismo e à espiritualidade (séculos X-XI), bem como ao beneplácito régio (século XV). A história dos descobrimentos portugueses tem uma grande expressão na revista com vários artigos relacionados com as rotas marítimas (séculos XV-XVI), a historiografia e as fontes documentais. Também estão igualmente presentes na revista, embora com menor representação, a história da tecnologia com temas relativos às técnicas de moagem (século XVI), a história das relações internacionais com temas relacionados com a Santa Sé e, por último, a demografia histórica com uma abordagem sobre a população portuguesa (séculos XV-XVI) nomeadamente os resultados e os problemas metodológicos.

De seguida serão referidos os artigos da revista que se julgam mais representativos do que foi dito anteriormente. Assim, no âmbito da história económica e social podem ser mencionados os seguintes trabalhos: «Problèmes et possibilités d'une histoire économique quantitative de l'Amérique Latine depuis



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

l'Independence: le cas du Brésil (Frédéric Mauro)»; «A nobreza portugalense dos séculos IX a XI» (José Mattoso); «Para o estudo da numária de D. Dinis» (Maria José Pimenta Ferro); «A propriedade das ordens militares nas inquirições gerais de 1220» (Maria José Lagos Trindade); «As doações de D. Manuel, Duque de Beja, a algumas igrejas da Ordem de Cristo» (Maria José Pimenta Ferro); «As ordens militares e a tributação régia, em Portugal» (Virgínia Rau e Iria Gonçalves); «Bartolomeo di Iacopo di ser Vanni mercador-banqueiro florentino «estante» em Lisboa nos meados do século XV» (Virgínia Rau); «Aspectos do «trato» da «Adiça» e da «pescaria» do «coral» nos finais do século XV» (Virgínia Rau); «Alguns problemas do pastoreio, em Portugal, nos séculos XV e XVI» (Maria José Lagos Trindade); «O porto de Ponta Delgada e o comércio açoriano no século XVII (elementos para o estudo do seu movimento)» (Maria Olímpia da Rocha Gil); «Política económica e mercantilismo na correspondência de Duarte Ribeiro de Macedo (1668-1676)» (Virgínia Rau); «A importância económica e a posição social dos judeus sefardins na Espanha dos fins da Idade Média» (Hermann Kellenbenz); «O hospital do Espírito Santo da vila da Castanheira» (Isaías da Rosa Pereira); «Sumário duma história do açúcar siciliano» (Carmelo Trasselli); «Gli investimenti finanziari genovesi in Europa tra il Seicento e la Restaurazione» (Giuseppe Felloni) - Recensão Crítica por Henri Lapeyre; «The development of the spanish textile industry - 1750-1800» (James Clayburn La Force, Jr.) - Recensão Crítica por Jorge Borges de Macedo. Na área da História cultural refiram-se os artigos: «Antroponímia das terras alcobacenses nos fins da Idade Média» (Iria Gonçalves); «Amostra de antroponímia alentejana do século XV» (Iria Gonçalves); «Físicos e cirurgiões quatrocentistas. As cartas de exame» (Iria Gonçalves); «Alguns estudantes e eruditos portugueses em Itália no século XV» (Virgínia Rau); «Leituras cistercienses do século XV» (José Mattoso); «Músicos de câmara no reinado de D. José I» (Maria Adelaide Salvador Marques); «O pensamento político de Duarte Ribeiro de Macedo» (Maria Teresa Trigo Neto e Cova). No que se refere à História religiosa encontram-se os seguintes títulos: «S. Rosendo e as correntes monásticas da sua época» (José Mattoso); «O monaquismo ibérico e Cluny» (José Mattoso); «Inquisição e cristãos-novos» (António José Saraiva) - Recensão Crítica por Virgínia Rau. No que diz respeito à História dos Descobrimientos Portugueses refiram-se os seguintes textos: «Ilha de Santiago e Angra de Bezeguiche, escalas da carreira da Índia» (A. Teixeira da Mota); «As rotas marítimas portuguesas no Atlântico de meados do século XV ao penúltimo quartel do século XVI» (A. Teixeira da Mota); «Fontes documentais castelhanas para a história da expansão portuguesa na Guiné nos últimos anos de D. Afonso V» (Peter E. Russell); No que concerne à História da tecnologia, assinala-se o estudo intitulado: «Engenhos de moagem no século XVI (Técnicas e estruturas)» (Maria Olímpia da Rocha Gil); No que toca à História das relações internacionais encontra-se o seguinte trabalho: «Parecer do Doutor «Velasco di Portogallo» sobre o beneplácito régio (Florença, 1454)» (Eduardo Borges Nunes e Martim de Albuquerque); Por último, na área da Demografia Histórica pode ser referido o artigo: «Para a história da população portuguesa dos séculos XV e XVI (Resultados e problemas de métodos)» (Virgínia Rau).

Para concluir, refira-se que um, entre outros, dos méritos da revista *Do Tempo e da História* foi a sua acentuada relação com a historiografia estrangeira, com especial incidência para o mundo anglo-saxónico,

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

França, Itália, Espanha e Alemanha. Esta evidência é bem perceptível pela participação de historiadores estrangeiros em alguns dos volumes, assim como o tratamento de assuntos não relacionados directamente com a história nacional. Outro ponto de contacto são as recensões críticas que na sua maioria versam sobre obras internacionais.

**Bibliografia:** CUNHA, Rosalina da Silva, *Repertório de revistas portuguesas de história 1818-1974*, Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, nº 2, 1981; HOMEM, Armando Luís de Carvalho, «Revistas Universitárias de História no Portugal do Século XX», *Revista de História das Ideias*, vol. XVIII, Coimbra, 1996, pp. 353-354; LEAL, Ernesto Castro, «Memória e Historiografia. Notas sobre a revista «Do Tempo e da História» (1965-1972)», *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Nova Série, vol. I, Lisboa, 1996, pp. 163-173; PINTO, Tiago Alexandre Palaré Barros, *O Arquivo do Centro de História da F.L.U.L.: Memória Institucional e Catálogo (1954-1995)*. Tese de mestrado em Ciências da Documentação e Informação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Exemplar Policopiado; RAPOSO, Luís, «A acção de D. Fernando de Almeida na direcção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia», *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol. 21, Lisboa, 2003, pp. 13-64; TORRAL, Luís Reis, *História e ideologia*, Coimbra, Minerva, 1989.

Tiago Pinto



APOIOS:

